

Crítica // Cafí ★★★★★

# Todos os lados de Cafí

Ricardo Daehn

Comportando enunciados com belos fundos de verdade, como “nem todo o trabalho é dignificante”, junto com conceitos como o da “irresponsabilidade conferida pela pouca idade”, e ideias como “o mercado de arte não é socialista o suficiente”, o conteúdo do filme sobre o fotógrafo Carlos da Silva Assunção Filho é radiante. Morto em 2019, Cafí, como ficou conhecido, tem a generosidade de dividir com as personalidades que o ladearam a razão de ser do filme assinado pela criativa dupla de diretores Natara Ney e Lírio Ferreira. Entre muitas lembranças e pinturas que ele mesmo criou, *Cafí* entrega a visão e o por que apostar na fotografia, resumida ao “encontro com o outro — a sacralização de solidões (do fotógrafo e do fotografado)”.

Fotografar ainda seria “a opinião sobre o que se vê e o que se acha”. Nisso, há beleza nas visões de Beto Martins (dos longas *A história da eternidade* e *Pacarrete*), o sensível diretor de fotografia do longa *Cafí*. Por vezes monocromáticas, as imagens reforçam uma percepção do cinebiografado: a arte venderia “sensibilidade” e não “sabonete”. Com mentalidade lúdica, *Cafí* trata com a mesma deferência a interação com a sacralidade

Fotos: ArtHouse/Divulgação - Luni Produções/Divulgação



Lírio Ferreira e Natara Ney entregam importante documentário em torno do pernambucano



Cafí revela singular visão de mundo

do maracatu (com direito a depoimento do cirandeiro Mestre Anderson Miguel) e o encontro com disco-voador (na infância, atestado pela mãe dele) e o inusitado tête-à-tête com o Papa, numa Santa Tereza desértica.

Responsável pela cenografia do show *Vagabundo* (de Ney Matogrosso) ao lado de Rodrigo Cabelo (presente no documentário sobre o

ilustre pernambucano), *Cafí* reacende anedotas sobre imagens para discos seminiais como o dos meninos e o arame farpado (Clube da Esquina), o dos tênis de Lô Borges, o da flor de Alceu Valença e 18 assinados por Milton Nascimento. A era das criações coletivas, motivadas pelo Circo Voador, pela ação da Intrépida Trupe, da Blitz e do Asdrúbal Trouxe

o Trombone, também estão registradas junto com a ação do Nuvem Cigana.

Celebrado, em música, por Otto, Cafí, no filme, a partir das acirradas preocupações sociais, é dado como “heterônimo de Gilberto Freyre”, segundo um entrevistado, em lista que compreende a ex-mulher Deborah Colker, Jards Macalé, Miguel Rio Branco e Ronaldo Bastos. Hábil na montagem, a dupla de cineastas capta a importância de Zé Celso Martinez Corrêa na trajetória de Cafí. Metido em cosmopolítica, o dramaturgo gera as reflexões, ao citar, por exemplo, “A antropologia come até a utopia”. Primo (segundo) de Nelson Rodrigues, apaixonado pelas vibrantes cores de Olinda e cioso de certa (e inofensiva) solidão, *Cafí* tem, finalmente, exaltada a paixão pela tranquilidade da praia de Maria Farinha, numa bela cena emoldurada por *Recife manhã de sol* (com Maria Bethânia).